

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS**

MARIA DE LOURDES REIS

**RE DES VELO:
Experiências em Arte Além do Olhar**

**Porto Alegre
2013**

Maria de Lourdes Reis

RE DES VELO:

Experiências em Arte Além do Olhar

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais, pelo Curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora Prof^a Dr^a Cláudia Zanatta

Porto Alegre

2013

Maria de Lourdes Reis

RE DES VELO:
Experiências em Arte Além do Olhar

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais, pelo Curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado em de de 2013.

Banca Examinadora

Orientadora Prof^a Dr^a Cláudia Zanatta

Prof^a Dr^a Eny Schuch

Prof Me Rodrigo Núñez

Ao povo brasileiro que contribui com seu trabalho para manutenção da universidade pública.

Aos excluídos.

Aos que me ensinaram valores humanistas.

À minha família pelo apoio e compreensão.

AGRADECIMENTOS

A os professores do Departamento de Artes Visuais.

À Claudia Zanatta pela orientação dedicada.

À Eny Schuch e Rodrigo Núñez por aceitarem participar da banca examinadora.

Aos que viabilizaram e aos que participaram das entrevistas, sem as quais o trabalho ficaria incompleto:

Adma Corá

Adriana Hauber Virmond

Daniel Gause

Eraldo Silva Fortini

Josiane França Santos

Julieta Oliveira Porto

Luana Gabriela Maciel Mitto

Maria Beatriz Esteves Gause

Mimi Aragón

Regina Lúcia Diehl

Renan Magnus

Rosana Almendares

Rose Pena Riera

Tânia Ávila Barros

Tanira Flores Soares

Por suas valiosas contribuições:

Lorena Avellar

Maria Helena Bernardes

E a todos que de alguma maneira contribuíram para desenvolvimento deste trabalho.

RESUMO

O presente TCC apresenta uma pesquisa dedicada a investigar as percepções, abrangendo também as deficiências visuais e a participação mais ativa do público. Além da apreciação teórica, desenvolvo um trabalho em cerâmica, tecido e vídeo mostrando alguns grupos em contato com a produção realizada. Mostro a interação dos espectadores. Para realização do trabalho diversos autores foram pesquisados, muitos deles vinculados à participação do público especial. Há reflexões sobre a ação dos espectadores nas exposições artísticas, sobre a produção e exposição de peças para serem fruídas pelo público com diversos graus de visão. Assim como sobre a percepção da arte pelos diversos sentidos.

Palavras-chave: Arte. Participação. Público especial. Tátil. Sonoro.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Placa referente à escrita citada no texto: RE DES VELO	10
Figura 2 - Placa referente à escrita em Braille citada no texto	11
Figura 3 - Uma das placas, acima referida, coberta com todos tecidos	11
Figura 4 - As primeiras semi esferas experimentadas	12
Figura 5 - Imagens da experiência realizada em 2012 - a composição de fotos mostra o grupo de colegas manuseando as semiesferas	13
Figura 6 - Alunas Adriana (à frente) e Ângela (ao fundo) por ocasião da apresentação do trabalho cerâmico tátilna FACED, UFRGS, durante o curso de Extensão de Áudio Descrição	14
Figura 7 - O professor Felipe manipulando os objetos cerâmicos táteis	15
Figura 8 - Piso Podo tátil Direcional Amarelo 25 x 25 cm, ao longo de acesso a roleta, tendo antes da roleta Piso Podo tátil Alerta Amarelo 25 x 25 cm	16
Figura 9 - Exemplo de piso tátil foi instalado na Avenida Paulista, SP, em 2008.....	17
Figura 10 - Exemplo de piso tátil em Estação de trem	17
Figura 11 - Cerâmica, 15x18x12	18
Figura 12 - Cerâmica 201025x12x10, 2010	18
Figura 13 - Athos Bulcão, Relevo em madeira, Dimensões 237 x 687,5 cm, para o Café Privativo da Câmara dos Deputados, 1987, Brasília – DF, Brasil.....	21
Figura 14 - Athos Bulcão, Relevo em concreto pintado de branco, Dimensão 2150 x 12800 cm, parede externa do Teatro Nacional Cláudio Santoro, 1966, Brasília – DF, Brasil	21
Figura 15 - Exposição Movimento Branco. Obra em massa acrílica sobre concreto celular, mostrada no SESC Pompeia, 2008	22
Figura 16 - La Dernière Image. Aveugle au lever de soleil, 2010.....	24
Figura 17 - Voir la Mer, 2010 (detalhe).....	25
Figura 18 - Lygia Clark. Máscaras sensoriais, 1967.....	25
Figura 19 - Belo também é aquilo que não foi visto. 25ª Bienal de SP, 2002.....	27
Figura 20 - Foto ao lado dos espectadores na instalação “Din blinde passager”, ocorrida em 2010 no Arken Museum, Dinamarca.	28
Figura 21 - Imagem da instalação Tropicália.....	29
Figura 22 - Semiesferas menores acrescidas de estímulos sensoriais.....	32
Figura 23 - Placas maiores.....	32
Figura 24 - Algumas placas menores.....	32
Figura 25 - Peças de argila preta secando.....	33
Figura 26 - Adereço sonoro.....	33
Figura 27 - Primeira sacola com bolsos para as semiesferas	34
Figura 28 - Montagem da exposição em pátio residencial	34
Figura 29 - Grupo examinando as peças em uma residência	38
Figura 30 - Grupo examinando as peças na sala de aula do IA.....	38
Figura 31 - Grupo examinando as peças num pátio residencial.....	39
Figura 32 - Esboço da planta da montagem da apresentação do Trabalho de Conclusão do Curso em Artes Visuais. 2013.....	40

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 QUESTÕES INICIAIS QUE GERARAM DUAS SITUAÇÕES DE EXPERIMENTAÇÃO	10
2.1 RETORNO DAS EXPERIÊNCIAS.....	15
3 SOBRE AS FORMAS PRODUZIDAS	16
4 REFERÊNCIAS TEÓRICAS E ARTÍSTICAS	20
4.1 PRINCIPAIS REFERÊNCIAS ARTÍSTICAS PARA A INVESTIGAÇÃO.....	23
4.1.1 Sophie Calle.....	23
4.1.2 Lygia Clark.....	25
4.1.3 Dias & Riedweg	26
4.1.4 Olafur Eliasson	27
4.1.5 Hélio Oiticica: referência artística.....	28
5 GRAVANDO O SENTIDO	30
5.1 SOBRE A PRODUÇÃO EM CERÂMICA.....	31
5.1.1 Descrição das peças participantes do trabalho	31
5.1.2 As Experiências.....	35
5.1.2.1 Instituto de Artes	35
5.1.2.2 Pátio de uma Residência Particular.	36
5.1.2.3 Sala de uma residência particular.	37
5.1.2.4 APRESENTAÇÃO das peças na PINACOTECA do IA-UFRGS	39
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43
ANEXO	48

1 INTRODUÇÃO

Através da arte procuro revelar o eco do mundo que ressoa em mim. Partindo deste entendimento, ao escutar no ano de 2011 um cego soletrar demoradamente o nome Artes Visuais, referindo-se ao curso do Instituto de Artes, da UFRGS, que eu frequentava, percebi a exclusão social aos cegos implícita nesta denominação. Foi um momento impactante e um dos fatos importantes para a escolha do trabalho de conclusão do curso de bacharelado em Artes Visuais.

Pensei em um projeto em cerâmica para o TCC que fosse acessível a maior diversidade possível de espectadores. Seja numa galeria ou em algum local público, para poucos ou muitos, a intenção não seria limitar ao sentido da visão à fruição da arte. Não queria privilegiar qualquer um dos sentidos, mas possibilitar mais percepções e ampliar a probabilidade de atingir um público mais numeroso. A partir disto, passei a desenvolver um trabalho cerâmico para ser tocado, manuseado. Assim, os deficientes visuais e portadores de baixa visão também teriam a possibilidade de vivenciar uma experiência além do olhar.

Usarei barro para realizar este trabalho, pelas possibilidades que este material oferece de transformá-lo em peças sensoriais. Serão peças em cerâmica cuja construção necessita da terra úmida para ser manuseada. O barro precisa da mão e a mão precisa do barro para gerar a obra. Existe uma integração entre arte e corpo tátil quando manipulo a matéria para gerar a cerâmica. Esta construção se prolonga quando proponho o manuseio e a percepção da obra pelo público. O elo entre o eu, o outro e o universo muitas vezes é formado através do objeto.

Compartilho com o pensamento do artista Walter Riedweg¹, quando afirma: “Acredito que sou um fragmento, não sou uma identidade inteira. Ninguém existe como uma ilha, só existe conectado”.² Este conceito faz parte do entendimento de

¹ Walter Riedweg (1955), nasceu em Lucerna, Suíça. Estudou música e teatro. Desde 1993 trabalha com o artista plástico Mauricio Dias, que nesta ocasião vivia na Suíça. Alteridade e identidade constituem-se na matéria prima de seu trabalho, geralmente mostrado através de vídeos. Entre os quais destacamos *Devotionalia*, onde, juntamente com Dias, procurou imprimir na cera as mãos e pés de crianças de rua do Rio de Janeiro como se fossem ex-votos. Só que em lugar de significarem o pagamento de uma promessa, simbolizaram o desejo ou urgência de vida de uma criança. Durante o ano de 1995 registraram em vídeo a execução dos moldes das crianças com seu pedido. Usaram um atelier móvel para efetuar esta atividade. Sua exposição mais recente foi em agosto de 2012, no Centro de Artes Helio Oiticica, Rio de Janeiro.

² DIAS, Maurício; RIEDWEG, Walter. **FF Dossier**, São Paulo, n. 28, [s.n.]. Disponível em: <<http://www2.sescsp.org.br/sesc/videobrasil/site/dossier028/entrevista.asp>>. Acesso em: 04 abr. 2013.

que a arte é resultante de uma ação humana, com o intuito de comunicar, interagir com o mundo e com o outro. É também reflexo do contexto, do meio, do momento histórico, expressão de sentidos e sentimentos. Arte que traz implícitos questionamentos e reflexões, que revela o eco do mundo ressoando no artista.

No capítulo intitulado Questões e Experimentações Iniciais, trato de algumas propostas de trabalho em cerâmica vivenciadas durante o curso de Artes Visuais. As mesmas contribuíram para estruturar o projeto inicial do TCC. Desenvolvo a ideia do espectador participativo, não só contemplativo. Este pensamento colaborou para a realização das experiências apresentadas numa disciplina do Instituto de Artes e no Curso de Extensão de Áudio Descrição realizado na FACED-UFRGS. Os conhecimentos gerados a partir de minhas observações, contribuíram para a execução de algumas alterações e também para confirmar o potencial do objeto cerâmico como sendo perceptível a vários sentidos.

Mais adiante explico os motivos da escolha do círculo e do retângulo, como formas predominantes usadas nas diversas modalidades de objetos executados. Também esclareci sobre a escolha das cores.

Ao abordar as referências teóricas e artísticas, identifico e relaciono alguns autores com propostas de trabalho similares às que desenvolvo.

Já no capítulo intitulado Gravando o sentido, explico os motivos e a execução das gravações realizadas. Também trato das montagens, dos locais e dos participantes das gravações. Explico sobre a reação das pessoas que apreciaram o trabalho, e qual foi sua opinião.

O trabalho recebeu o título RE DES VELO: experiências em arte além do olhar. Executá-lo será a busca de respostas através da arte para algumas questões de inclusão, sem limitar a fruição a um sentido. Será levantar o véu de possibilidades da cerâmica, assim como da maior participação do espectador experimentando e tocando objetos artísticos.

RE DES VELO será o desafio de escrever no barro sem letras, através de formas iguais sem serem iguais.

2 QUESTÕES INICIAIS QUE GERARAM DUAS SITUAÇÕES DE EXPERIMENTAÇÃO

Durante a disciplina Atelier de Cerâmica, cursada durante o primeiro semestre de 2011 no curso de Artes Visuais - UFRGS, a proposta de trabalho foi em torno do OLHAR. Ao pensar sobre o assunto, uma das ideias que me impressionou foi a de José Saramago: “[...] vivemos dentro de uma possibilidade de ver, que é nossa. Os olhos de outro ser veem de uma maneira diferente da nossa. Nós vemos, percebemos [...]”.³ O que é ver? O que é perceber? Refletindo sobre a referida proposta da disciplina e sobre os textos lidos executei placas cerâmicas lisas e com texturas. A última tinha o aspecto similar a um tronco de árvore que eu fotografara. Cobri-a com tecidos de diferentes espessuras, sobre os quais coloquei imagens ou palavras. Através do orifício desta placa escrevi RE DES VELA, o mesmo termo escrito em Braille foi fixado na parte de trás da placa, possibilitando sua leitura por um cego que a manuseasse.

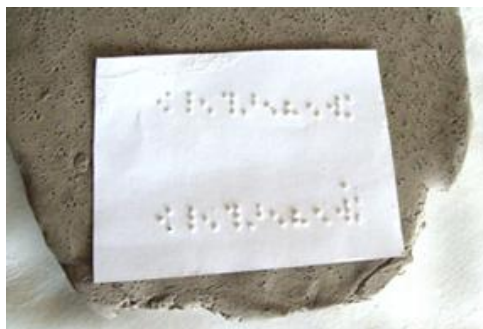
Figura 1 - Placa referente à escrita citada no texto RE DES VELA



Fonte: Registrada pela Autora.

³ PFUTZENREUTER, Edson. **José Saramago em “Janela da Alma”**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=kxkvhiczbX0&feature=related>>. Acesso em: 05 maio 2012.

Figura 2 - Placa referente à escrita em Braille citada no texto



Fonte: Registrada pela Autora.

Pensando nas palavras foi criada uma composição de sílabas para expressar, juntamente com o barro, o resultado das reflexões sobre o OLHAR.

RE - repetir, de novo, novamente.

DES - negação, separação, ação contrária.

VELA - do verbo velar: cobrir com véu, esconder, tornar secreto; ou: estar alerta, vigiar; ou também: tratar com zelo.

REVELA/DESVELA

O que o trabalho revela, desvela?

O que RE DES VELO?

Figura 3 - Uma das placas, acima referida, coberta com todos tecidos



Fonte: Registrada pela Autora (2011).

Durante o primeiro semestre de 2012, também em uma disciplina de cerâmica, o exercício proposto foi trabalhar com formas de gesso e produzir cópias. Então comecei a produzir meias esferas e a pensar na possibilidade de mostrá-las

aos cegos através do tato. Ao trabalharmos com formas, experimentei dois tamanhos de meias esferas para serem manuseadas e também notadas através do tato. Assim, ampliar-se-iam as possibilidades de percepção dos sentidos e o papel do espectador assumiria maior participação.

Figura 4 - As primeiras semi esferas experimentadas



Fonte: Registrada pela Autora (2012).

A partir do material produzido nas duas disciplinas, ocorreram três experiências: duas em 2012, no Instituto de Artes, e outra em 2013: na FACED, UFRGS, em apresentação no curso de Extensão de Áudio Descrição.

O objetivo da proposta desenvolvida no Instituto de Artes foi apresentar aos colegas um conjunto de trabalhos em cerâmica, acessível à maior diversidade possível de espectadores. Assim permitiria fruição dos sentidos humanos em sua amplitude, sem restringir se a nenhum deles. Apresentei o conjunto de semiesferas envoltas em pequenos pedaços de vários tipos de tecido. Em seguida convidei todos a abrir os tecidos, para examinarem seu conteúdo e colocarem as peças de cerâmica onde quisessem. Após, sugeri que escrevessem uma palavra sobre a experiência. Coloquei um tecido grande próximo às peças, para que todos pudessem deixar sua impressão registrada nele.

Figura 5 - Imagens da experiência realizada em 2012 - a composição de fotos mostra o grupo de colegas manuseando as semiesferas



Fonte: Registrada pela Autora (2012).

As mesmas semiesferas e mais algumas placas foram apresentadas em junho de 2013 para o grupo de alunos do Curso de Extensão de Áudio Descrição,

realizado na FACED, UFRGS. Tanto alguns alunos como dois professores deste curso eram deficientes visuais, e tiveram ocasião de vivenciar uma experiência artística tátil.

Para a geóloga Ariane, com baixo índice de visão, tocar nas semiesferas aproximou à da natureza. Sentiu o aconchego que percebe ao manusear uma concha de praia. Comentou que ao manipular os objetos sentiu se mais integrada ao universo, “dá para pensar ao tatear”, finalizou.

Figura 6 - Alunas Adriana (à frente) e Ângela (ao fundo) por ocasião da apresentação do trabalho cerâmico tátil na FACED, UFRGS, durante o curso de Extensão de Áudio Descrição



Fonte: Registrada pela Autora (2013).

A professora Mariana Baierle (com 10% da capacidade visual) falou que gostou de abrir o tecido envolvendo a cerâmica e de sentir em cada peça algo diferente ao toque. Comentou ser uma arte para todos, não algo distante, inacessível.

O professor Felipe Leão Mianes (com 15% da capacidade visual somente no olho direito) apreciou sentir as diferenças ao tocar nas peças. Após o manuseio, comentou que entrar em contato com as mesmas desperta imaginação.

Figura 7 - O professor Felipe manipulando os objetos cerâmicos táteis



Fonte: Registrada pela Autora (2013).

Dentre os alunos com o sentido da visão, Ângela Oliveira lembrou que ao realizar a experiência tátil imaginou como seria se pudéssemos acariciar a superfície de morros e de montanhas. Sugeriu repetir a experiência com os olhos vendados e peças desconhecidas.

2.1 RETORNO DAS EXPERIÊNCIAS

A experiência realizada no Instituto de Artes trouxe a crítica dos colegas de aula. As principais observações foram da vontade e necessidade que sentiram de manusear as semiesferas. As reentrâncias, saliências, traços e marcas provocaram a vontade de tocar, de sentir. Segundo relatos de alguns, levei-os ao exercício da experiência e da necessidade de acionar outros sentidos além da visão. Um questionamento importante foi sobre a validade da experiência somente com videntes.

Na exposição realizada durante o curso de Áudio Descrição, na FACED, tanto videntes quanto deficientes visuais destacaram que o manuseio das peças despertava lembranças, alimentava a imaginação. Notaram a característica dos contrastes entre as texturas tais como suavidade e aspereza, e as formais notadas nas reentrâncias e saliências. Relataram diversas sensações como aconchego, a percepção diferente da observação tátil, a suavidade do redondo.

Além das observações contribuírem para as alterações necessárias, também confirmaram a possibilidade em desenvolver um trabalho em cerâmica que fosse percebido por vários sentidos.

3 SOBRE AS FORMAS PRODUZIDAS

Trabalhar com a cerâmica é mexer com a terra, é trabalhar com as mãos, criar manuseando e refletindo ao mesmo tempo. É falar alto silenciosamente. É aprender a respeitar o tempo do material, assim como o tempo do outro. É lidar com as surpresas da queima, da queda, da quebra, do imprevisto. É conseguir perceber cada vez mais além do planejado, do visível. Escolhi o círculo e o retângulo como referências para trabalhar sobre as peças cerâmicas que produziria para este TCC. São formas simples para visualizar assim como de identificar através do tato. Além disto, as mesmas já estão nas ruas marcando os caminhos dos não videntes como símbolos de parar e de seguir.

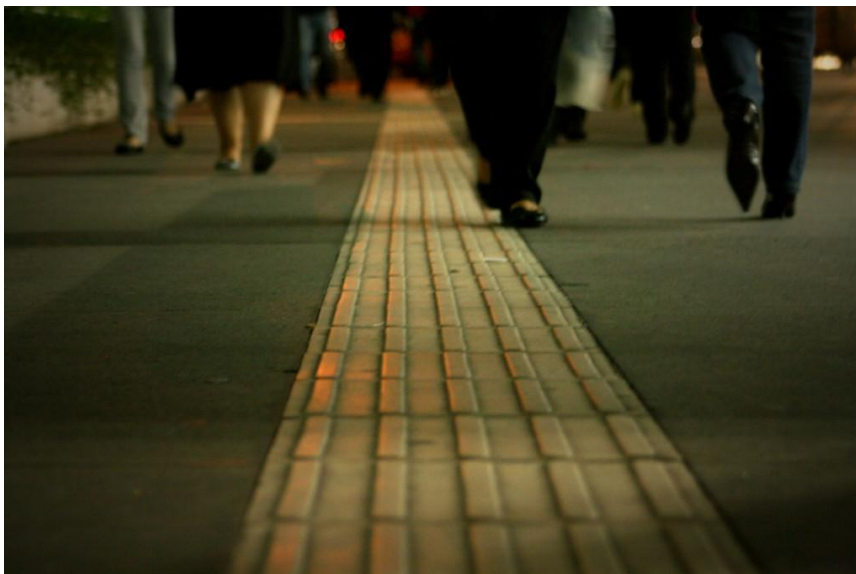
Figura 8 - Piso Podo tátil Direcional Amarelo 25 x 25 cm, ao longo de acesso a roleta, tendo antes da roleta Piso Podo tátil Alerta Amarelo 25 x 25 cm



Fonte: Limestone⁴

⁴ LIMESTONE. **Piso tátil ou podotátil**. Disponível em: <http://www.limestone.com.br/2011/modelos_podotateis/podotateis.html>. Acesso em: 30 maio 2013.

Figura 9 - Exemplo de piso tátil foi instalado na Avenida Paulista, SP, em 2008



Fonte: Limestone⁵

Figura 10 - Exemplo de piso tátil em Estação de trem



Fonte: Limestone⁶

Comecei então a esboçar o projeto de realizar um trabalho cerâmico usando primeiramente a forma das semiesferas sendo o formato pensado, experimentado e construído para ser tocado. Foi definido o tamanho da mão em concha, para facilitar o manuseio das peças, a possibilidade delas serem examinadas, sentidas, tateadas.

⁵ MAGGI, Carolina; LOPES, Paula. Andando no escuro, mas com bengala e piso tátil. **Paulista 900, Revista Digital dos Estudantes da Casper Libero**, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.paulista900.com.br/?p=333>>. Acesso em: 30 maio 2013.

⁶ RISSATTO, Ticienne. **Arquideias: piso tátil**. [S.l.], 28 out. 2010. Disponível em: <<http://retarquitectura.blogspot.com.br/2010/10/estava-procurando-especificacoes-para.html>>. Acesso em: 30 maio 2013.

Algumas com texturas, outras lisas. Com este tamanho e formato, as peças assemelham-se a um ninho, abrindo espaço para percepções de aconchego tanto em sua forma quanto no significado simbólico.

Figura 11 - Cerâmica, 15x18x12



Fonte: Registrada pela Autora (2010).

Figura 12 - Cerâmica 201025x12x10, 2010



Fonte: Registrada pela Autora (2010).

As semiesferas me remetiam a outro trabalho executado em cerâmica no ano de 2010 como parte da disciplina ATELIER DE CERÂMICA II, UFRGS. O objetivo da mesma foi planejar uma exposição fictícia a partir da temática escolhida pelo aluno. Construí ninhos.

Meus objetos são construídos com as mãos modelando o barro. Depois, na maioria das vezes altero a forma inicial utilizando peças que às vezes são destinadas a outras funções ou algum material descartado, como rolhas, galhos secos.

Para o projeto do TCC, iniciei o trabalho com as semiesferas fazendo incisões, gerando volumes onde é liso, imprimindo onde não tem nada, criando vazio onde está cheio, expulsando pedaços onde tudo está preenchido. Produzindo novas

figuras, outros formatos, bordas inexistentes, transmitindo diferentes sensações, provocando várias percepções, diversas possibilidades.

Acrescento óxidos para destacar esses detalhes. Utilizo cores para contrastar ou atenuar. As cores simples, o branco e o preto, que tecnicamente se traduzem como a ausência de cor e a soma de todas as cores. São elas que me permitem produzir alto contraste.

Desenvolvo o redondo do ponto do braile, do círculo, a unidade da célula de leitura tátil, de fácil compreensão e apreensão.

No Minidicionário Houaiss⁷ círculo significa anel, roda, arco, podendo, também, ser entendido como movimento que retorna sempre ao mesmo local. Se considerarmos esta explicação podemos deduzir que, voltando sempre ao mesmo lugar não vamos adiante, ficamos parados. Se procurarmos pelo uso simbólico encontraremos a suavidade da curva, da flexibilidade. Quanto ao retângulo, é definido como um quadrilátero com ângulos retos, assim como suas linhas. A reta lembra o ponto em movimento, deslocamento, trajetória.⁸ Como parte do trabalho de conclusão também passei a produzir placas referindo às formas circulares e retangulares na sua composição. Considero que estas são a continuidade natural do trabalho proposto. Ao imaginá-las dispostas na parede lembrei-me do trabalho de Athos Bulcão, artista que consta entre minhas referências visuais, tão presente nos muros e paredes de Brasília.

⁷ HOUAISS, Antonio. **Minidicionário Houaiss de língua portuguesa**. 4. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

⁸ PARADELLA, Flavia Simonini. **Teoria da forma: ponto, linha, plano**. [S.l.]. Disponível em: <http://www.ensp.fiocruz.br/portal-ensp/_uploads/documentos-pessoais/documento-pessoal_314.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2013.

4 REFERÊNCIAS TEÓRICAS E ARTÍSTICAS

Dentre os autores que se dedicam a estudar o processo cognitivo do cego e suas possibilidades em apreciar a arte, encontra-se o professor João Vicente Ganzarolli de Oliveira, do Departamento de História e Teoria da Arte, da Escola de Belas Artes da UFRJ. Em seu artigo **Arte e Visualidade: a questão da Cegueira**, o autor explica que “[...] a simplificação formal favorece a percepção, do mesmo modo que a complexidade tende a dificultá-la.”⁹ Mais adiante, reproduz um trecho da entrevista realizada com o cego J. Espínola Veiga, “[...] o tato não compreende o belo no mesmo sentido que a visão o faz”. “É que a experiência estética proporcionada pelo sentido tátil obedece a requisitos distintos daqueles que regem o universo das pessoas que veem”, acrescenta o professor João Vicente Ganzarolli Oliveira.¹⁰ No último parágrafo explica:

Pois assim como a arte não se restringe a visualidade, tampouco a falta de visão inviabiliza necessariamente o acesso à beleza artística. Tomando emprestadas as palavras do escritor Vitor Hugo, concluo: O cego vê na sombra um mundo de claridade: quando o olho do corpo se apaga, acende-se o olho do espírito.¹¹

Identifico meu projeto com o processo de trabalho de Bulcão nos contrastes e com alguma similaridade entre sua proposta de partilhar a criação e minha proposta de proporcionar o acesso à obra, oferecendo a possibilidade do manuseio. Enquanto Bulcão reparte a criação, eu tento aproximação do público, assim como a ampliação do universo dos espectadores.

Athos combinou dois tempos. Bebeu no construtivismo e na tradição. Trouxe a cultura da azulejaria colonial portuguesa para o século 20 e revestiu a cidade de Oscar Niemeyer do casamento entre o antigo e o novo. A utopia moderna encontrava a história do Brasil quando o artista criava para a arquitetura.¹²

⁹ OLIVEIRA, João Vicente Ganzarolli. **Arte e visualidade: a questão da cegueira. Um olhar sobre a cegueira**, Instituto Benjamin Constant, Rio de Janeiro, [2013?]. Disponível em: <<http://www.ibc.gov.br/?itemid=105>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

¹⁰ OLIVEIRA, João Vicente Ganzarolli. **Arte e visualidade: a questão da cegueira. Um olhar sobre a cegueira**, Instituto Benjamin Constant, Rio de Janeiro, [2013?]. Disponível em: <<http://www.ibc.gov.br/?itemid=105>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

¹¹ OLIVEIRA, João Vicente Ganzarolli. **Arte e visualidade: a questão da cegueira. Um olhar sobre a cegueira**, Instituto Benjamin Constant, Rio de Janeiro, [2013?]. Disponível em: <<http://www.ibc.gov.br/?itemid=105>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

¹² MACIEL, Nahima. Entre Apolo e Dionísio. **Correio Brasiliense**, Brasília, 3 mar. 1999. Disponível em: <<http://www2.correiobrasiliense.com.br/especiais/athos/mat3.htm>>. Acesso em: 30 maio 2013.

Além disto, orientava os mestres de obras a não fechar os desenhos na colocação dos azulejos, repartindo com eles a criação da composição.¹³

Figura 13 - Athos Bulcão, Relevô em madeira, Dimensões 237 x 687,5 cm, para o Café Privativo da Câmara dos Deputados, 1987, Brasília – DF, Brasil



Fonte: Edgar César Filho.¹⁴

Figura 14 - Athos Bulcão, Relevô em concreto pintado de branco, Dimensão 2150 x 12800 cm, parede externa do Teatro Nacional Cláudio Santoro, 1966, Brasília – DF, Brasil



Fonte: Patrick Grosner.¹⁵

Outra referência pesquisada para a realização do meu projeto foi a obra do artista Jose Alfonso Ballester Alvarez que desenvolveu um trabalho com massa acrílica sobre concreto celular, criando objetos abstratos em branco para serem tocados. Segundo o artista “[...] minha maior preocupação é em relação à percepção

¹³ GUIMARÃES, Lana. Athos Bulcão: inspiração para brincar. **Revista Arquitetura e Turismo**, São Paulo, ano 01, maio 2007. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquiteturismo/01.003/1324>>. Acesso em: 16 maio 2013.

¹⁴ CÉSAR FILHO, Edgar. **Relevô em madeira**. 1987. Disponível em: <<http://www.fundathos.org.br/abreGaleria.php?idgal=62>>. Acesso em: 07 abr. 2013.

¹⁵ FUNDAÇÃO ATHOS BULÇÃO. Brasília, 2013. Disponível em: <<http://www.fundathos.org.br/athos-bulcao>>. Acesso em: 07 abr. 2013.

do invidente [...]”¹⁶ explicando sua intenção ao criar a série *Movimento Branco*. A respeito deste trabalho comenta, também, que a inspiração para o projeto foi: “A necessidade de fazer uma obra de arte verdadeiramente universal”.¹⁷ Foram suas palavras para Rony Neves, por ocasião da exposição deste trabalho, intitulada *Movimento Branco*, realizada no SESC Pompeia, em São Paulo em junho de 2008.

Figura 15 - Exposição Movimento Branco. Obra em massa acrílica sobre concreto celular, mostrada no SESC Pompeia, 2008



Fonte: Neves¹⁸.

Nesta exposição o artista instigou o público a vivenciar diversas experiências sensoriais. Oferecendo aos videntes a possibilidade de uma experiência tátil com os olhos vendados, envolvendo outro sentido e não limitando a apreciação de suas obras somente à visão. É a oportunidade de efetuar descobertas, permitir aos dedos sentir como eles percebem através do tato.

Sua poética propõe ultrapassar os limites da observação visual atingindo os outros sentidos, através das formas orgânicas e abstratas. Relevos, sinuosidades, concavidades assim como o vazio serão apreendidos quando manuseados.

No projeto do TCC, decidi que o trabalho também poderia proporcionar diferentes sensações de temperatura ao ser tocado, o que seria possível esmaltando na cerâmica alguns detalhes com cores, contrapondo-os à massa sem revestimento.

¹⁶ BALLESTERO, Alfonso. **Mundos tangíveis**: exposição tátil. Florianópolis, Museu de Arte de Santa Catarina, 2009. Catálogo de exposição.

¹⁷ NEVES, Rony. Movimento em branco. **O que inspira?** São Paulo, 31 maio 2008. Disponível em: <<http://oqueinspira.blogspot.com.br/2008/05/movimento-em-branco.html>>. Acesso em: 26 mar. 2013.

¹⁸ NEVES, Rony. Movimento em branco. **O que inspira?** São Paulo, 31 maio 2008. Disponível em: <<http://oqueinspira.blogspot.com.br/2008/05/movimento-em-branco.html>>. Acesso em: 26 mar. 2013.

O esmalte queimado na cerâmica é percebido como algo mais frio. Assim tato e visão seriam estimulados.

A inclusão é uma postura motivadora, ao mesmo tempo em que é um desafio técnico, pois para realizar um trabalho cerâmico acessível aos não videntes é necessário pesquisar em áreas como educação e psicologia. Exemplifico com as palavras de Elcie Masini¹⁹, que prefaciou o livro Exercícios de ver e não ver²⁰:

[...] o leitor amplia suas perspectivas sobre a percepção e expressividade no domínio da arte a fronteiras desconhecidas, que resgatam mistérios da individualidade e da subjetividade e permitem vislumbrar que um universo ainda muito vasto está para ser descoberto sobre o potencial humano.

O livro em questão trata “da arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual”.

4.1 PRINCIPAIS REFERÊNCIAS ARTÍSTICAS PARA A INVESTIGAÇÃO

4.1.1 Sophie Calle

Desde 1986, portanto há quase 30 anos, a artista e fotógrafa francesa Sophie Calle dedica parte de seus trabalhos à cegueira. Aborda a problemática sob diversos ângulos, buscando uma resposta para o “não ver”, que não identifica como sendo a escuridão completa, mas uma situação de difícil entendimento para quem enxerga.

Sophie Calle apresentou em 2012 uma obra intitulada “Pour la dernière et pour la première fois”²¹ através de duas situações que ocorrem na Turquia. Escolheu este local lembrando o mito grego segundo o qual Bizâncio fora fundada no lado oposto dos cegos - os calcedônios - que teriam fundado sua cidade num local desfavorável, por não enxergarem que outros locais da região eram mais adequados.

¹⁹ Professora pesquisadora do Programa de Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura, da Universidade Presbiteriana Mackenzie e pesquisadora do CNPQ. Orienta Dissertações e Teses na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Sócia fundadora do Laboratório Interunidades de Estudos sobre as Deficiências (LIDE) localizado na Faculdade de Psicologia da Universidade de São Paulo.

²⁰ KASTRUP, Virgínia; MORAES, Márcia. **Exercícios de ver e não ver**. Rio de Janeiro: Nau, 2010.

²¹ RODRIGUES, Jorge Vieira. Sophie Calle: Pour la dernière et pour la première fois. **Artecapital**, Lisboa, 2012. Disponível em: <<http://www.artecapital.net/exposicao-371/>>. Acesso em: 20 jul. 2013.

Calle escolheu pessoas que nunca tinham visto o mar e filmou sua reação ao primeiro encontro. O fundo da cena é sempre o mar, o personagem está de costas e se volta ao espectador mostrando na expressão facial o registro de sua emoção. Assim foi a “primeira vez” (la première fois), mostrado em três telas de cinema.

Para outra parte da exposição a artista selecionou alguns relatos da última imagem que ficou gravada na mente de pessoas que, por diversos motivos, perderam a visão. Mostrou através de fotografias o local desta última visão. Assim o espectador conheceu a estrada de um acidente, a clínica onde uma cirurgia fracassou, e o tapete que ficou inacabado.

Nas duas situações as imagens foram marcantes. Uma mostrou o choque do encontro, a outra, o registro que ficou na mente depois do choque da perda.

A proposta de Calle se constitui de pesquisas, registros, depoimentos filmados, além das reflexões que o tema “cegueira” pode provocar. Está muito relacionado ao “novo olhar” que gostaria também de dar ao meu trabalho: a pesquisa fruto do desvendar áreas desconhecidas para mim tanto no âmbito da produção artística quanto da visualidade ou de sua ausência.

Figura 16 - La Dernière Image. Aveugle au lever de soleil, 2010



Fonte: Rodrigues²².

²² RODRIGUES, Jorge Vieira. Sophie Calle: Pour la dernière et pour la première fois. **Artecapital**, Lisboa, 2012. Disponível em: <<http://www.artecapital.net/exposicao-371/>>. Acesso em: 20 jul. 2013.

Figura 17 - Voir la Mer, 2010 (detalhe)



Fonte: Rodrigues, 2012.²³

4.1.2 Lygia Clark

A artista plástica Lygia Clark desde a década de 1960 realizou trabalhos envolvendo o espectador como receptor, incentivando-o a ter uma relação participativa com a artista. A obra não seria de autoria da artista, mas da propositora Lygia, que não considerava mais estar desempenhando um trabalho artístico, mas de propositora.

A obra de Clark não finaliza na produção do objeto, pois sua essência está na participação do espectador, chamado por ela de cliente. Em sua poética o corpo tem grande importância e busca despertá-lo para reavivar memórias do receptor ao toque dos objetos como a resposta, ou interpretação. Na obra de Clark surgiram experiências com uma série de objetos denominados relacionais, sempre vinculados com maior ou menor intensidade a uma parte do corpo ou ao corpo todo. Para Lygia a obra só acontecia mediante a participação do espectador cliente.

Figura 18 - Lygia Clark. Máscaras sensoriais, 1967



Fonte: Lygia.²⁴

²³ RODRIGUES, Jorge Vieira. Sophie Calle: pour la dernière et pour la première fois. **Artecapital**, Lisboa, 2012. Disponível em: <<http://www.artecapital.net/exposicao-371/>>. Acesso em: 20 jul. 2013.

²⁴ LYGIA Clark: outras obras. Disponível em: <<http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoXX/modulo3/frente/clark/outras.html>>. Acesso em: 29 nov. 2013.

Clark produziu uma série composta de materiais ou objetos que emitiam ruídos quando usados por ela: a cabaça assoprada, o assobio do barro também assoprado, o ruído das pequenas conchas quando chacoalhadas, o marulho de conchas grandes encostadas aos ouvidos dos clientes. Muitas vezes alguns ruídos eram feitos em diversos pontos do ambiente, escutados com maior ou menor nitidez. Este trabalho com o som vai influenciar diretamente alguns dos objetos que vim a produzir para o TCC.

Também a instância da participação é que dará significado completo ao que proponho ao espectador-participante seja através da manipulação das meias esferas, da utilização do corpo para fazer ruídos com os adereços sonoros e ainda pela possibilidade de movimentar as placas com texturas que saíram da parede e foram para uma mesa em situação similar às meias esferas.

4.1.3 Dias & Riedweg

O brasileiro Maurício Dias e o suíço Walter Riedweg desenvolvem projetos artísticos juntos desde 1993, atuando com grupos sociais específicos.

Por ocasião da 25ª bienal de São Paulo, em 2002, apresentaram a instalação denominada “Belo é também aquilo que não foi visto”. A proposta teve a colaboração de um grupo de cegos, alunos do Instituto Benjamim Constant (IBC) do Rio de Janeiro. Os artistas os convidaram a descrever as sensações observadas no contato com diferentes objetos. Gravaram suas atitudes e depoimentos, registrando a descrição da textura, do tamanho e de outras características, além do que eles imaginavam ao tocá-los. A instalação constou da réplica da mapoteca (existente há 148 anos na sala de geografia do IBC, abrigando mapas em relevo) contendo os depoimentos dos deficientes visuais. Além disto, diversos monitores exibiam vídeos com uma série de depoimentos, e, das imagens de uma aluna do IBC lendo em voz alta textos transcritos em Braille, de autoria de Jorge Luis Borges e de Homero. Esses autores foram escolhidos por serem cegos.

Segundo Walter Riedweg, “a construção da ideia de beleza é tão complexa como a de colonização”²⁵, porque é com a noção de civilização que somos condicionados a reconhecer certas coisas como belas e outras não. Aqui, o

²⁵ VELLOSO, Beatriz Pimenta. **Dias & Riedweg**: alteridade e experiência estética na arte contemporânea brasileira, Rio de Janeiro: Apicuri, 2011. p. 89-90.

problema da beleza está posto em um plano além da visão, para que fique bem claro que o belo é sempre construído com base em conceitos preestabelecidos.

Maurício Dias explica que o cego faz desenhos mentais a partir da memória e da imaginação. Lembra ainda que vivemos num mundo que é praticamente uma ditadura da visão, pois quase tudo é codificado a partir da imagem, enquanto o deficiente visual aguça os outros sentidos para perceber e definir o mundo.²⁶

Figura 19 - Belo também é aquilo que não foi visto. 25ª Bienal de SP, 2002



Fonte: Dias e Riedweg²⁷

Relaciono o projeto proposto no TCC com o trabalho de Dias & Riedweg, por envolver as percepções do outro, assim como sua participação. Mais uma semelhança é a revelação do eu interior para o exterior, mostrando a expressão da subjetividade do espectador.

4.1.4 Olafur Eliasson

É um artista dinamarquês nascido em 1967. A maioria de seus trabalhos consiste em recriar artificialmente fenômenos naturais com a intenção de acentuar nossa percepção relativa à luz, tempo, gravidade, movimento e som, utilizando como material de trabalho o sol, água, fogo ou vento. Um dos principais objetivos é provocar o espectador a perceber-se mais, assim como ao seu entorno e ao

²⁶ O MUNDO desenhado por quem não pode ver. **Revista Benjamin Constant**, Rio de Janeiro, ed. 21, abr. 2002. Disponível em: <<http://www.ibc.gov.br/index.php?catid=4&itemid=63>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

²⁷ DIAS, Maurício; RIEDWEG, Walter. **Até que a rua nos separe**. Rio de Janeiro: NAU, 2012.

universo, ampliando a percepção através de experiências inusitadas. Desta maneira tem a intenção que notemos como estamos e agimos no mundo, e quais consequências teriam nossas ações na sociedade e especificamente na arte.

Uma das instalações de Eliasson denominada *360 graus espaço para todas as cores* (2002), constou de uma luz redonda frente a qual os participantes perdem o senso de espaço e perspectiva, em uma experiência de serem inseridos no ambiente por uma luz intensa. Trabalhou durante 3 anos para finalizar a instalação *Din blinde passager (Seu cego passageiro - 2010)*. Nesta instalação o espectador entrava num túnel de 90 m de comprimento e logo após ficava rodeado por uma forte neblina que lhe permitia enxergar apenas a uma distancia de 1,5m. Esta situação levava o espectador a usar todos os outros sentidos para se orientar.²⁸

Figura 20 - Foto ao lado dos espectadores na instalação “Din blinde passager”, ocorrida em 2010 no Arken Museum, Dinamarca.



Fonte: Molina²⁹

4.1.5 Hélio Oiticica: referência artística

Em 1967 Hélio Oiticica³⁰ baseado na experiência diária vivida no Morro da Mangueira cria a instalação Tropicália. Este trabalho sucedeu os anteriores denominados bólides e parangolés, desenvolvidos a partir dos objetos utilizados no cotidiano das favelas cariocas. Na instalação o espectador é levado a entrar num

²⁸ ELIASSON, Olafur. **Din blinde passager - your blind passenger - ARKEN museum of modern art**. Dinamarca. (2min58s). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=731JRwVzbkw>>. Acesso em: 23 out. 2013.

²⁹ MOLINA, Camila. Luz de Olafur: artista dinamarquês cria obras e um filme com Karim Aïnouz para sua mostra no Brasil. **O Estadão**, São Paulo, 22 mar. 2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/arteelazer,luz-de-olafur,695198,0.htm>>. Acesso em: 23 out. 2013.

³⁰ Helio Oiticica, artista plástico, viveu no Rio de Janeiro, onde nasceu em 1937 e morreu em 1980.

ambiente forrado com panos estampados e coloridos. Ao sair percorre um trecho com piso de areia, seixos e plantas tropicais, termina diante de uma televisão ligada em alto volume. Oiticica mostra a conexão entre a cultura local, a experimentação e o espectador. Oferece a possibilidade da vivência de experiências táteis e sensoriais, além do contato com o ambiente do morro.

Figura 21 - Imagem da instalação Tropicália



Fonte: Oliveira³¹

Segundo Beatriz P. Velloso pela ênfase dada à participação do espectador nos trabalhos desenvolvidos a partir da década de 1960. Tanto Helio Oiticica quanto Lygia Clark participam da vertente da arte contemporânea na qual a obra se completa mediante a participação ativa do espectador.³²

Meu trabalho identifica-se com o de Helio Oiticica quando ele procura entender a realidade pesquisando-a em fontes reais. Além disto, incentivo a participação ativa do espectador através de experiências táteis, olfativas, sonoras e da visão.

³¹ OLIVEIRA, Ana de. **Tropicália**: leituras complementares. [S.l.], 2013. Disponível em: <http://tropicalia.com.br/v1/site/internas/leituras_gg_objetividade2.php>. Acesso em: 25 nov. 2013.

³² VELLOSO, Beatriz Pimenta. **Dias e Riedweg**: alteridade e experiência estética na arte contemporânea brasileira. Rio de Janeiro. Apicuri, 2011.

5 GRAVANDO O SENTIDO

A partir das sugestões da pré-banca e das experiências iniciais, decidi realizar uma proposta para o TCC dando continuidade às pesquisas desenvolvidas. O projeto ficou dividido em três etapas:

- a) desenvolvimento de peças cerâmicas estimulando os diversos sentidos dos fruidores; criação de estruturas de tecido (sacolas) para o transporte das peças e posterior exposição das sacolas;
- b) experimentação com indivíduos ou grupos de voluntários dotados de diferentes graus de visão e registro em vídeo destas experiências; uma solicitação da pré-banca foi para gravar a exposição itinerante, itinerante, pois a arte seria levada ao encontro do espectador em diversos locais. Decidi gravar som e imagem para mostrar de uma forma clara e transparente como seriam as experiências do caminho a ser percorrido.
- c) apresentação final das peças na Pinacoteca do Instituto de Artes, UFRGS.

As duas horas e trinta minutos de gravação foram condensadas para cerca de 15 minutos. Foi estabelecida esta duração para que não excedesse o tempo determinado para ser usado na apresentação do trabalho de conclusão.

Optei por resumir aproveitando todos os itens do roteiro pré-estabelecido nas três exposições ocorridas. Os momentos foram aleatória e intuitivamente escolhidos e divididos entre:

- a) a exposição dos objetos cerâmicos;
- b) a exposição e uso dos adereços sonoros;
- c) a fala dos participantes, se assim o quisessem.

Apresentarei os espectadores percebendo a cerâmica, suas expressões sentindo – que é mais uma forma de perceber- ou, tateando e tentando descobrir. Assim mostrarei dedos passando devagar pelas ranhuras e saliências, a palma da mão aninhando as semiesferas, os braços se agitando em busca do som. Também

ouviremos a fala das descobertas, a voz da surpresa, a certeza da pergunta, o vigor dos depoimentos.

O resultado das experiências foi uma imensa troca do gesto marcado na cerâmica com a recepção do espectador. Foi observar que os detalhes são sempre importantes, se soubermos percebê-los. Foi perceber que o resultado é uma descoberta contínua de caminhos. Neste processo uma das principais dificuldades foi conseguir a anuência de participantes para poder realizar e registrar em vídeo.³³

Em todas as instituições contatadas, desde associações a escolas específicas para cegos, não houve retorno positivo. Somente alunos do curso de Extensão e de Graduação do DAV aderiram à proposta. As demais gravações se concretizaram devido ao interesse de voluntários, não ligados a instituições, em compartilhar da ação artística, e, ao oferecimento de residências como locais para a efetivação das mesmas.

5.1 SOBRE A PRODUÇÃO EM CERÂMICA

Todas as peças de cerâmica, com exceção dos adereços, são feitas em argila branca Shiro e trabalhadas com texturas. Há uma variedade de grafitos impressos nas superfícies, tais como, círculos de diferentes tamanhos, retângulos, traços cavados ou salientes. Algumas partes estão esmaltadas nas cores preta ou branca.

5.1.1 Descrição das peças participantes do trabalho

Um grupo formado por 19 semiesferas de dois tamanhos: uma do tamanho da palma da mão em concha sobre a semiesfera e outra um pouco menor. Em algumas destas foi acrescentado óleo essencial para aromatizá-las. Assim o sentido olfativo também seria estimulado. Outras receberam forro de tecido e uma foi coberta com pelo sintético.

³³ Todas as gravações foram realizadas por Rosana Almendares Ferandin.

Figura 22 - Semiesferas menores acrescidas de estímulos sensoriais



Fonte: Obtida pela Autora (2013).

Aos objetos anteriores somaram-se dez **placas**, no formato de retângulos irregulares, com cerca de 12 cm de largura por 18 cm comprimento, e mais 4 placas menores, somando juntas quase 12cm x 18cm.

Figura 23 - Placas maiores



Fonte: Obtida pela Autora (2013).

Figura 24 - Algumas placas menores



Fonte: Obtida pela Autora (2013).

Adereços sonoros também fazem parte do trabalho. Formados de uma tira de tecido com elasticidade (tendo aproximadamente 3 cm de largura x 20 cm de comprimento), que segura 4 pequenos pendentes de 7 cm de comprimento cada um, sendo estes formados por pequenas peças feitas de cerâmica, sobrepostas, unidas entre si e presas ao tecido por um fio de nylon transparente. Estes podem ser

colocados nos braços ou nas pernas, emitindo sons quando movimentados. Nos adereços sonoros, também foram usadas argila preta e marfim. As claras foram queimadas à 1.150° de temperatura, enquanto nas pretas o forno atingiu os 900° graus.

Figura 25 - Peças de argila preta secando.



Fonte: Obtida pela Autora (2013).

Figura 26 - Adereço sonoro



Fonte: Obtida pela Autora (2013).

Sacolas de tecido com bolsos internos. Seis sacolas foram planejadas e executadas para transportar as semiesferas e placas de cerâmica. O tecido utilizado foi algodão cru duplo forrado. Dentro delas foram presos bolsos, também forrados, e fechados com velcro. Sobre estes bolsos foram estampados desenhos com tinta

dimensional, que se expandiu sob ação do calor. Assim, as sacolas tornaram-se mais um objeto tátil; abertas e expostas sem as peças de cerâmica dentro, são acessíveis ao toque e à visão.

Figura 27 - Primeira sacola com bolsos para as semiesferas



Fonte: Obtida pela Autora (2013).

Montagem da apresentação das peças para os grupos voluntários: as peças foram colocadas lado a lado, pouco distantes entre si, próximas à beira de uma mesa. As semiesferas ficaram de um lado e as placas do outro. Assim arrumadas, tornaram-se acessíveis ao manuseio.

Figura 28 - Montagem da exposição em pátio residencial



Fonte: Obtida pela Autora, a partir da gravação de Rosana Almendares (2013).

Os adereços sonoros foram individualmente distribuídos depois que os espectadores apreciaram os outros objetos.

5.1.2 As Experiências

5.1.2.1 Instituto de Artes

A primeira gravação ocorreu na sala de cerâmica do DAV, em 11/11/2013.³⁴

AS SEMIESFERAS. Inicialmente houve surpresa e satisfação ao encontrarem semiesferas exalando fragrâncias. Uma semiesfera coberta com pelo sintético também foi bem comentada, tocada e passada no rosto ou braços. A diversidade de texturas e a forma específica dos objetos provocaram comentários e experiências. Adriana recordou-se da matemática, Renan experimentou trocá-las de lugar e lembrou-se da possibilidade de poder jogar com elas. De um modo geral, as semiesferas suscitaram diversas recordações a todos.

AS PLACAS. São identificadas como uma série denominada Caminhos. Foram demoradamente manuseadas por Renan, que as trocou de lugar, simulou composições, talvez um jogo? Esta foi a afirmação de Adriana, que viu nas menores a possibilidade de formar um “quebra cabeça”. Julieta destacou que os objetos também eram apropriados aos deficientes visuais.

AS SACOLAS. Foi destacado o fato das aplicações sobre os bolsos serem táteis e estarem relacionadas com o trabalho em cerâmica. Por isto foram consideradas como “parte da obra”, algo que “compõe a obra”.

OS ADEREÇOS SONOROS foram bem admirados. Renan experimentou-os também como objetos táteis, roçando-os no braço e no pescoço. Os outros colocaram nos braços movimentando-os para escutar o som. Para Luana eles são agradáveis de escutar e lembram o tilintar de um instrumento musical peruano. Adriana falou em aproveitar o exemplo para usar algumas hematitas guardadas, inserindo-as em pequenos objetos de cerâmica que pretende fazer.

FALA DO GRUPO. Renan destacou que a experiência sonora é percebida por vários sentidos: auditivo, tátil e a visão. Luana concordou denominando o trabalho como múltiplo, cujo som é agradável e provocativo.

Destacaram o fato de terem tido a experiência conduzida como favorável ao bom aproveitamento de todas as possibilidades oferecidas. Falaram que se os adereços sonoros tivessem sido apresentados no início, todos outros objetos

³⁴ Participaram os seguintes alunos do Curso de Extensão em Cerâmica do DAV: Adriana Hauber Virmond (deficiente auditiva), Julieta Oliveira Porto, Renan Magnus (deficiente visual e auditivo) e a aluna do Curso de Graduação do DAV: Luana Gabriela Maciel Mitto.

ficariam ofuscados. A palavra caminhos, segundo o grupo, está ligada a uma liberdade orientada. Renan explicou que ter experimentado as semiesferas primeiro foi a “abertura”, seguida pelos “caminhos” e finalizando com o “êxtase” dos adereços sonoros. Luana observou que as meias esferas menores estimulavam a serem levantadas, exploradas, enquanto as maiores convidavam somente ao toque. Julieta destacou o inusitado da experiência olfativa na cerâmica enquanto Adriana relacionou novamente alguns objetos à matemática.

4.1.2.2 Pátio de uma Residência Particular.

Esta gravação ocorreu em 16/11/2013.³⁵

Observando as semiesferas e as placas: inicialmente os participantes também se surpreenderam ao encontrarem semiesferas exalando fragrâncias. Três delas foram separadamente colocadas, sem identificação. Rose tocando na cerâmica lembra que ao ficar sem energia elétrica – no escuro – percebe e se orienta usando mais seus outros sentidos, além da visão. Daniel analisa silenciosa e demoradamente tanto as placas quanto as semiesferas. Ao tocar nas sacolas, apalpa demoradamente os bolsos estampados com tinta expansiva, percebendo a textura e as formas desenhadas. Maria Beatriz destaca a diferença na percepção das partes esmaltadas.

Tânia e Regina observam e manuseiam silenciosamente o trabalho.

Os sonoros: todos experimentam demoradamente perceber o som de diferentes distâncias do ouvido e do corpo. Rose fala: “vou levar” Daniel destaca perceber. “as diferentes matizes do som, aliás, tonalidades, matizes são das cores”. O grupo todo movimenta os braços ao mesmo tempo para ouvir o som dos adereços em conjunto. Maria Beatriz diz que o mesmo lembra o barulho da chuva no telhado.

FALA DO GRUPO: Regina destaca a diversidade entre o som emitido pelas peças feitas com cerâmica escura, mais abafado, da cerâmica clara, “tilitante”. Tânia complementa que esta diferença deve-se às distintas temperaturas em que são queimadas, a escura na mais baixa que a clara, e destaca a atração provocada por tudo que emite som. Ao falar das outras peças ela observa a presença dos contrários ao toque, exemplifica citando os aspectos ásperos e lisos na mesma

³⁵ Participaram Daniel Gause (deficiente visual), Maria Beatriz Esteves Gause, Regina LúciaDiehl, Rose Pena Riera (cadeirante) e Tânia Ávila Barros.

peça, assim como do côncavo e do convexo. Maria Beatriz destaca que o sonoro aflora a sensibilidade, evoca lembranças – cita as conchas encontradas na praia - Daniel fala da sensação agradável sentida ao tocar as estampas dos bolsos que parecem emborrachadas. Tânia destaca o atraente efeito visual das mesmas. Já Regina opina que o tecido não lhe diz nada, prefere a cerâmica.

5.1.2.3 Sala de uma residência particular.

A gravação realizou se em 19/11/2013.³⁶

Observando semiesferas, placas e sacolas.

Tanto Josiane como Eraldo ficaram surpresos ao constatarem o aroma vindo de algumas semiesferas. A semiesfera coberta com pelo sintético também foi admirada ao ser tocada. Ao manuseá-las, Eraldo fez vários comentários como “gostoso de tocar” ou “que bonito”. Destacou, como uma de suas preferidas a que evidenciou mais o contraste entre o ponto esmaltado e a aspereza dos pequenos furos feitos com agulha. Observou atentamente os detalhes a cada descoberta das diferentes formas e texturas, também encontradas nas placas. Relatou que quando enxergava visitava mais rapidamente as exposições de arte, “agora percebendo através do tato é diferente”.

Admirou as sacolas pela sua função e pela sensação agradável sentida ao tocar a estampa expandida. Comentou ser uma percepção semelhante ao contato com algo emborrachado.

Josiane contou que quando enxergava chegou a executar algumas peças em cerâmica, o que gostava muito. Examinou demoradamente todo o trabalho, assim como questionou sobre a maneira de realizar alguns detalhes. Identificou os aromas e admirou estas semiesferas. Também manifestou seu agrado em relação àquela que mostrou mais o contraste entre o ponto esmaltado e a aspereza dos pequenos furos, interessando-se também por sua execução. Ao ter contato com as sacolas perguntou sobre as cores utilizadas, da mesma maneira que diversas vezes indagou sobre os tons usados na cerâmica. Questionou sobre a execução da estampa para torná-la tátil e semelhante ao emborrachado. Observou que seria de muita utilidade para uso dos cegos.

³⁶ Participação de Eraldo Silva Fortini e Josiane França Santos. (Os dois participantes são deficientes visuais).

Adereços sonoros: Eraldo perguntou por sua resistência e se poderiam, por exemplo, serem usadas na apresentação de uma escola de samba. Josiane indagou sobre sua composição e pela maneira de executá-las. Os dois manusearam demoradamente as peças avulsas que receberam para compreender como era o material utilizado.

FALA DO GRUPO: Josiane afirmou que o fato de ser arte tátil era muito importante, pois podia ser melhor percebida por ela e por isto também mais compreendida. Seu entendimento possibilitaria que ela explicasse esta arte para seus filhos, e não somente que eles descrevessem para ela o que estavam enxergando.

Eraldo observou que o fato do nome Caminhos para a série de placas o intrigou. Ao examiná-las notou que eram semelhantes, mas não iguais, por outro lado pareciam ser espelhadas sendo que algumas se encaixavam. Também destacou a importância em poder apreciar uma arte tátil, pois podia percebê-la, senti-la e dar sua interpretação, não dependendo só da descrição dos outros.

Figura 29 - Grupo examinando as peças em uma residência



Fonte: Obtida pela Autora, a partir da gravação de Rosana Almendares (2013).

Figura 30 - Grupo examinando as peças na sala de aula do IA



Fonte: Obtida pela Autora, a partir da gravação de Rosana Almendares (2013).

Figura 31 - Grupo examinando as peças num pátio residencial



Fonte: Obtida pela Autora, a partir da gravação de Rosana Almendares (2013).

5.1.2.4 APRESENTAÇÃO das peças na PINACOTECA do IA-UFRGS

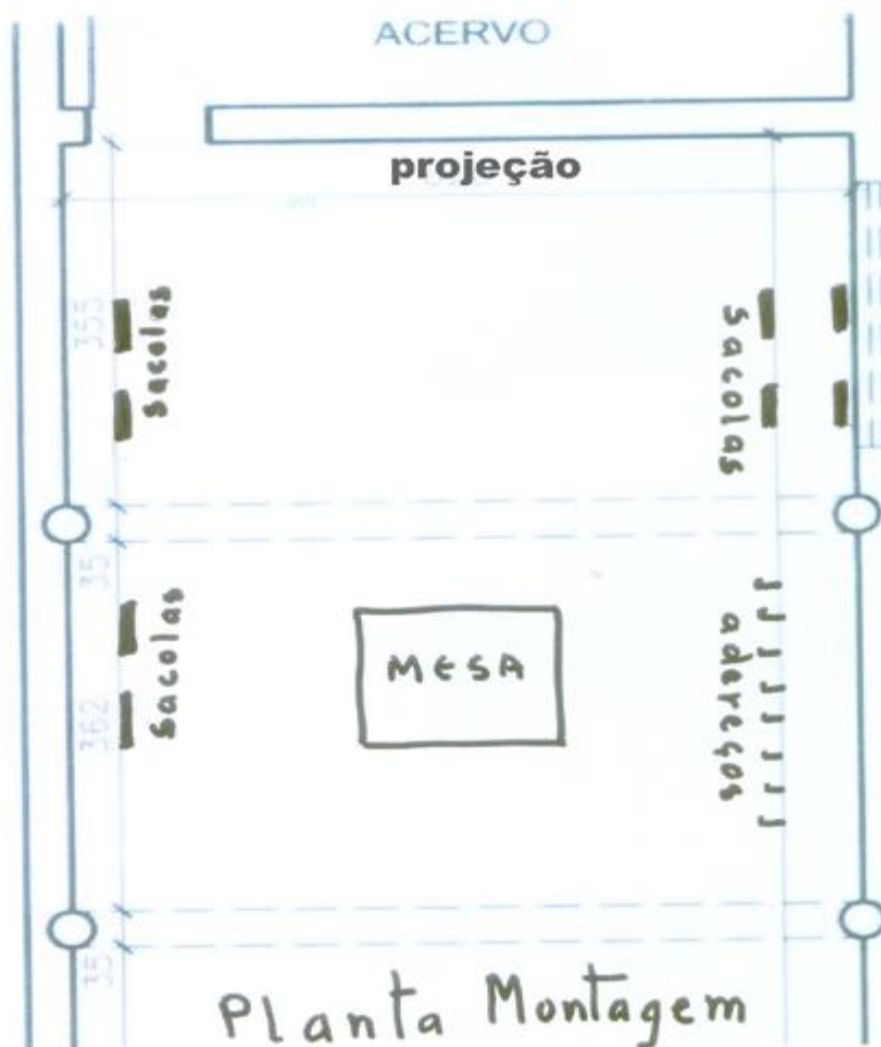
Como finalização do TCC ocorrerá uma exposição em um local diferente dos quais foram realizadas as atividades relatadas anteriormente, mas com os mesmos objetos mostrados. O local é a Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, do Instituto de Artes da UFRGS, espaço planejado para exibir exposições de arte, com paredes e iluminação apropriadas a diversas possibilidades de montagem. Há um horário determinado para visitação e na maioria das vezes o espectador circula sem mediação. Será uma experiência onde o espectador de arte não receberá orientação sobre a direção do seu andar. A descoberta, a fruição, dependerão das colocações silenciosas do artista estarem em sintonia com a possibilidade de percepção do visitante.

Nas experiências realizadas com pequenos grupos em ambientes informais, para apresentação do mesmo trabalho, a maior diferenç a foi a presenç a da artista direcionando o caminhar dos espectadores, orientando-os, esclarecendo suas d vidas e escutando suas opiniões.

Na exposição que se realizar  na Pinacoteca predominará o público acad mico, formado de professores e colegas. São espectadores habituados a perceber objetos artísticos e também a conviver com o processo de sua elaboração. Como viverão as descobertas de experiências além do olhar?

A seguir o esboço da planta da montagem do trabalho na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo.

Figura 32 - Esboço da planta da montagem da apresentação do Trabalho de Conclusão do Curso em Artes Visuais. 2013



Fonte: Elaborado pela Autora.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns pontos foram fundamentais para estruturar esta pesquisa. As peças deveriam ser pequenas para serem manuseadas por espectadores com diversos graus de visão. A integração entre a matéria e o artista deveria ficar estendida ao público por sua participação ativa e sem restrições. Foram escolhidas formas comuns, fáceis de manusear, e cores simples e contrastantes. Inquietam-me questões do momento histórico em que vivo, a percepção das exclusões das pessoas entre si, a falta de consciência da necessidade de integração com o ambiente no qual passamos nossa vida. Inquieta-me a reduzida participação do espectador na fruição da arte, sua limitação engessada ao sentido do olhar, na maioria das vezes acessível aos considerados desprovidos de deficiências. Inquieta-me a colocação de Sophie Calle ³⁷ que busca uma resposta para “o não ver”, não a identificando como escuridão completa, mas uma situação de difícil entendimento para quem vê. Em meio a reflexões como estas procurei um caminho para experimentar a arte além do olhar. A pesquisa mostrou a importância da experiência estética, e, no entendimento de Virgínia Kastrup:³⁸ “Ela afeta, surpreende, mobiliza, espanta.”, entre outras coisas. A experimentação da cerâmica desenvolvida torna-se parte integrante do trabalho; gravá-la mostrou de maneira clara a ação dos participantes.

O fato dos espectadores poderem tocar, sentir fragrâncias e ouvir sons provocou diversas experiências assim como propiciou várias demonstrações. Todos se manifestaram, tanto por gestos como verbalmente. Houve momentos lúdicos e de cada um expor seus pensamentos, muitas vezes interpretando o que vivenciaram.

Observei como a possibilidade do toque também desinibe, propicia interação, troca de opiniões. Assim como notei a importância da arte tátil para os deficientes visuais vivenciarem, se apropriarem de um conhecimento e também poderem atribuir um significado, não dependendo unicamente da interpretação alheia.

A vivência das experiências artísticas por espectadores com diferentes graus de visão levantou o véu das questões pré-existentes. Revelou uma maior

³⁷ Artista francesa Sophie Calle nasceu em Paris em 1953.

³⁸ KASTRUP, Virgínia; MORAES, Márcia. **Exercícios de ver e não ver**: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual. Rio de Janeiro: Nau, 2010.

possibilidade da inclusão de deficientes visuais na fruição da arte, assim como estimulou a percepção dos outros sentidos nos que enxergam.

O trabalho reafirmou a necessidade da pesquisa na busca de respostas aos assuntos indagados. Esta pesquisa mostrou que, muitas vezes, as respostas eram apontadas durante a própria busca. Noutras vezes vislumbrei caminhos a serem, ainda, percorridos.

As experiências e o contato com as diferenças mostrou que também na arte o visível está povoado de invisíveis, assim como o não visto aparece no vazio, na falta, no oco.

REFERÊNCIAS

- ABAIXO de 160: uma obra em desenvolvimento: texto sobre os sentidos. In: **Manual para curiosos (2013)**. Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<http://9bienalmercosul.art.br/pt/downloads/>>. Acesso em: 15 nov. 2013.
- ÀLVAREZ, José Alfonso Ballestero. Trajetória pragmática, acessibilidade à cultura e à arte. **Revista Brasileira de Tradução Visual**, Recife, n. 5, v. 5, 2010. Disponível em: <<http://www.rbtv.associadosdainclusao.com.br/index.php/principal/article/viewArticle/73>>. Acesso em: 26 mar. 2013.
- ALZUGARAY, Paula. O filme-objeto. **Revista Número**, São Paulo, n. 7. Disponível em: <<http://www.forumpermanente.org/rede/numero/ver-numero7/setetextopaulaalzug>>. Acesso em: 14 abr. 2013.
- AMIRALIAN, Maria Lúcia Toledo. **Compreendendo o cego**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1997.
- FUNDAÇÃO ATHOS BULÇÃO. Brasília, DF, 2013. Disponível em: <<http://www.fundathos.org.br/athos-bulcao>>. Acesso em: 07 abr. 2013.
- BALLESTERO, Alfonso. **Mundos tangíveis**: exposição tátil. Florianópolis, Museu de Arte de Santa Catarina, 2009. Catálogo de exposição.
- BARBOSA, Paula M. O estudo da geometria. Baseado nas preocupações como ensino de geometria para alunos cegos. **Um olhar sobre a cegueira**, Instituto Benjamin Constant, Rio de Janeiro, [2013?]. Disponível em: <<http://www.ibc.gov.br/?catid=4&itemid=67>>. Acesso em: 02 abr. 2013.
- BAVCAR, Egven. **A luz e o cego**. 1994. Disponível em: <<http://www.yumpu.com/pt/document/view/14791654/a-luz-e-o-cego-evgen-bavcar-dobras-visuais>>. Acesso em: 08 ago. 2013.
- BORGES, Leonídia et al. A corporeidade do cego: novos olhares. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, ano 8, n. 3, p. 814-817, 2008. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v8n3/artigos/pdf/v8n3a18.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2013.
- BREVE descrição dos objetos relacionais: anexo ao ensaio de Suely Rolnik. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/descricao relacionais.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2013.
- CARIJÓ, Filipe Herkenhoff; MAGALHÃES, Juliana Quaresma; ALMEIDA, Maria Clara. **Acesso tátil**: uma introdução à questão da acessibilidade estética para o público deficiente visual nos museus. Disponível em: <http://deficienciavisual3.com.sapo.pt/txt-Acesso_tactil_DV_museus.htm>. Acesso em: 20 mar. 2013.
- CATALANO, Ana Rosa Saraiva. **O lugar do espectador-participante na obra de Lygia Clark e Hélio Oiticica**. 2004. 99 f. Dissertação (Mestrado em História) -- Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de

Janeiro, 2004. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0210195_04_cap_03.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2013.

CÉSAR FILHO, Edgar. **Relevo em madeira**. 1987. Disponível em: <<http://www.fundathos.org.br/abreGaleria.php?idgal=62>>. Acesso em: 07 abr. 2013.

CHAVARRIA, Joaquim. **A cerâmica**. Lisboa: Estampa, 2004.

DERRIDA, Jacques. **Memórias de cego**. Tradução de Fernanda Bernardo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2010.

DIAS, Maurício; RIEDWEG, Walter. **Até que a rua nos separe**. Rio de Janeiro: NAU, 2012.

DIAS, Maurício; RIEDWEG, Walter. **FF Dossier**, São Paulo, n. 28, [s.n.]. Disponível em: <<http://www2.sescsp.org.br/sesc/videobrasil/site/dossier028/entrevista.asp>>. Acesso em: 04 abr. 2013.

DOMINICI, Tânia P. et al. Atividades de observação e identificação do céu adaptadas às pessoas com deficiência visual. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, [S.l.], v. 30, n. 4501, 2008.

ELIASSON, Olafur. **Din blinde passagier - your blind passenger - ARKEN museum of modern art**. Dinamarca. (2min58s). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=731JRwVzbkw>>. Acesso em: 23 out. 2013.

FABBRINI, Ricardo Nascimento. **O espaço de Lygia Clark**. São Paulo: Atlas, 1994.

FERREIRA, Glória. **Entrefalas**. Porto Alegre: Zouk, 2011.

FIGUEIREDO, Luciano (Org.) **Lygia Clark e Helio Oiticica: cartas**. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

FUNDAÇÃO ATHOS BULCÃO. Brasília, 2013. Disponível em: <http://www.fundathos.org.br/athos-bulcao>. Acesso em: 07 abr.2013.

GRIFFIN, Harold C.; GERBER, Paul J. **Um olhar sobre a cegueira** Rio de Janeiro: Instituto Benjamin Constant, [2013?]. Disponível em: <<http://www.ibc.gov.br/?itemid=101>>. Acesso em: 31 mar. 2013.

GUIMARÃES, Lana. Athos Bulcão: inspiração para brincar. **Revista Arquitetura e Turismo**, São Paulo, ano 01, maio 2007. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquiteturismo/01.003/1324>>. Acesso em: 16 maio 2013.

HERKENHOFF, Filipe C.; MAGALHÃES, Juliana Q.; ALMEIDA, Maria Clara de. **Acesso tátil: uma introdução à questão da acessibilidade estética para o público deficiente visual nos museus**. Disponível em: <http://deficienciavisual3.com.sapo.pt/txtAcesso_tactil_DV_museus.htm>. Acesso em: 20 mar. 2013.

HERKENHOFF, Paulo et al. **Lygia Pappe: espaço imantado**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2012.

HOUAISS, Antonio. **Minidicionário da língua portuguesa**. 4. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

HUAPAYA, Priscilla Schimitt; FREITAS, Ricardo Oliveira de. A alteridade como poética visual na estética videográfica de Maurício Dias e Walter Riedweg. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31., 2008, Natal. **Anais eletrônicos...** Natal: Intercom, 2008. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/navegacaoDetalhe.php?option=trabalho&id=35017>>. Acesso em: 04 abr.2013.

INSTALAÇÃO Din Blinde passageiro. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=731JRwwwVzbkw>>. Acesso em: 25 nov. 2013.

KASTRUP, Virgínia. A invenção na ponta dos dedos: a reversão da atenção em pessoas com deficiência visual. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 69-90, jun. 2007. Disponível em: <http://www.pucminas.br/imagdb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20080521171242.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2013.

KASTRUP, Virgínia; MORAES, Márcia. **Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual**. Rio de Janeiro: Nau, 2010.

KIRST, Adriane Cristine. Uma leitura de imagem para cegos através da semiótica. In: SEMINÁRIO LEITURA DE IMAGEM PARA A EDUCAÇÃO: múltiplas mídias. Florianópolis, 2009. **Anais eletrônicos...** Florianópolis, 2009. Disponível em: <[http://www.gpae.ceart.udesc.br/artigos/3/artigo Adriane Kirst.pdf](http://www.gpae.ceart.udesc.br/artigos/3/artigo%20Adriane%20Kirst.pdf)>. Acesso em: 21 set. 2013.

LIMESTONE. **Piso tátil ou podotátil**. 2011. Disponível em: <http://www.limestone.com.br/2011/modelos_podotateis/podotateis.html>. Acesso em: 30 maio 2013.

LYGIA Clark: outras obras. Disponível em: <<http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoXX/modulo3/frente/clark/outras.html>>. Acesso em: 29 nov. 2013.

MACHADO, Isabel. Leitura comentada da carta sobre os cegos. **RBTV**, Campinas, v. 3, n. 3, 2010. Disponível em: <<http://www.rbtv.associadosdainclusao.com.br/index.php/principal/article/view/49/62>>. Acesso em: 24 jan. 2013.

MACHADO, Rosane do Carmo; MERINO, Eugenio Andrés Diaz. **Descomplicando a escrita braille**. Curitiba: Juruá, 2009.

MACIEL, Nahima. Entre Apolo e Dionísio. **Correio Brasiliense**, Brasília, 3 mar. 1999. Disponível em: <<http://2.correiobrasiliense.com.br/especiais/athos/mat3.htm>>. Acesso em: 16 maio 2013.

MAGGI, Carolina; LOPES, Paula. Andando no escuro, mas com bengala e piso tátil. **Paulista 900, Revista Digital dos Estudantes da Casper Libero**, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.paulista900.com.br/?p=333>>. Acesso em: 30 maio 2013.

MIANES, Felipe L. **Deficiência visual olhares possíveis**. Disponível em: <http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2010/Educacao_Especial/Trabalho/09_03_04>. Acesso em: 30 abr. 2013.

MOLINA, Camila. Luz de Olafur: artista dinamarquês cria obras e um filme com Karim Aïnouz para sua mostra no Brasil. **O Estadão**, São Paulo, 22 mar. 2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/artelazer,luz-de-olafur,695198,0.htm>>. Acesso em: 23 out. 2013.

NEVES, Rony. Movimento em branco. **O que inspira?** São Paulo, 31 maio 2008. Disponível em: <<http://oqueinspira.blogspot.com.br/2008/05/movimento-em-branco.html>>. Acesso em: 26 mar. 2013.

O MUNDO desenhado por quem não pode ver. **Revista Benjamin Constant**, Rio de Janeiro, ed. 21, abr. 2002. Disponível em: <<http://www.ibc.gov.br/index.php?catid=4&itemid=63>>. Acesso em: 10 dez. 2012.

OITICICA, Hélio. **Imagem da instalação Tropicália**. Disponível em: <http://tropicalia.com.br/v1/site/internas/leituras_gg_objetividade2.php>. Acesso em: 25 maio 2013.

OLIVEIRA, Ana de. **Tropicália: leituras complementares**. [S.I.], 2013. Disponível em: <http://tropicalia.com.br/v1/site/internas/leituras_gg_objetividade2.php>. Acesso em: 25 nov. 2013.

OLIVEIRA, João Vicente Ganzarolli. Arte e visualidade a questão da cegueira. **Um olhar sobre a cegueira**. Rio de Janeiro: Instituto Benjamin Constant, [2013?]. Disponível em: <<http://www.ibc.gov.br/?itemid=105>>. Acesso em: 01 jun. 2013.

PARADELLA, Flavia Simonini. **Teoria da forma: ponto, linha, plano**. [S.I.]. Disponível em: <http://www.ensp.fiocruz.br/portal-ensp/_uploads/documentos-pessoais/documento-pessoal_314.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2013.

PFUTZENREUTER, Edson. José Saramago em “Janela da Alma”. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=kxkvhiczb0&feature=related>>. Acesso em: 05 maio 2012.

RISSATTO, Ticienne. **Arquideias: piso tátil**. [S.I.], 28 out. 2010. Disponível em: <<http://retarquitetura.blogspot.com.br/2010/10/estava-procurando-especificacoes-para.html>>. Acesso em: 30 maio 2013.

RIVITTI, Thais. Ensaio sobre a cegueira. **Planeta Sustentável**, São Paulo, 2008. Disponível em: <http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/cultura/conteudo_294978.shtml>. Acesso em: 27 set. 2013.

ROCHA, Denise Felipe da et al. A Importância do pensamento visual na geometria. **Boletim da Sociedade Brasileira de Educação Matemática**, Rio de Janeiro, [S.I.]. Disponível em: <<http://www.sbemrj.com.br/spemrj6/artigos/b1.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2013.

RODRIGUES, Jacinto. Joseph Beuys: um filósofo na arte e na cidade. **Revista Millenium on-line**, Viseu, Portugal, n. 25, jan. 2002. Disponível em: <http://www.ipv.pt/millenium/Millenium25/25_24.htm>. Acesso em: 12 jan. 2012.

RODRIGUES, Jorge Vieira. Sophie Calle: pour la dernière et pour la première fois. **Artecapital**, Lisboa, 2012. Disponível em: <<http://www.artecapital.net/exposicao-371/>>. Acesso em: 20 jul. 2013.

SILVA, Claudia Flores da. **Construindo com percepção**: memória, deficiência visual e sensação térmica em uma poética visual. Porto Alegre: [S.l.], 2010.

SOBRE instalação: belo também é aquilo que não foi visto. Disponível em: <http://www.ppgav.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2012/01/ae18_entrevista_territorio_frenteira.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2013

SOUZA, Joana Belarmino de. **O universo tátil**. Disponível em: <www.uff.br/artesedeficienciavisual/wp-content/.O-universo-tatil> Acesso em: 10 jul. 2013.

SOUZA, Joana Belarmino de. O que percebemos quando não vemos? **Revista Eletrônica de Psicologia Fractal**, Niterói, n.1, v. 1, 2009. Disponível em: <<http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/Fractal/article/view/176>>. Acesso em: 06 abr. 2013.

TESSLER, Elida. **Paradoxos quase invisíveis**. Disponível em: <<http://www.yumpu.com/pt/document/view/12817696/paradoxos-quase-invisiveis-elida-tessler>>. Acesso em: 12 dez. 2012.

THIOLLENT, Michel Jean Marie. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2004.

VELLOSO, Beatriz Pimenta. **Dias & Riedweg**: alteridade e experiência estética na arte contemporânea brasileira. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

ZANATTA, Cláudia. Cerâmica e inclusão: uma experiência de trabalho na UFRGS. **Revista Brasileira de Tradução Visual**, Porto Alegre, n. 5, v. 5, 2010. Disponível em: <www.rbtv.associadosdainclusao.com.br/index.php/principal/article/.94>. Acesso em: 25 ago. 2013.

ANEXO

por sugestão da banca:
referências citadas no texto

BALLESTERO, Alfonso. **Mundos tangíveis**: exposição tátil. Florianópolis, Museu de Arte de Santa Catarina, 2009. Catálogo de exposição.

CÉSAR FILHO, Edgar. **Relevo em madeira**. 1987. Disponível em: <<http://www.fundathos.org.br/abreGaleria.php?idgal=62>>. Acesso em: 07 abr. 2013.

DIAS, Maurício; RIEDWEG, Walter. **Até que a rua nos separe**. Rio de Janeiro: NAU, 2012.

DIAS, Maurício; RIEDWEG, Walter. **FF Dossier**, São Paulo, n. 28, [s.n.]. Disponível em: <<http://www2.sescsp.org.br/sesc/videobrasil/site/dossier028/entrevista.asp>>. Acesso em: 04 abr. 2013.

ELIASSON, Olafur. **Din blinde passagier - your blind passenger - ARKEN museum of modern art**. Dinamarca. (2min58s). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=731JRwVzbkw>>. Acesso em: 23 out. 2013.

FUNDAÇÃO ATHOS BULCÃO. Brasília, 2013. Disponível em: <http://www.fundathos.org.br/athos-bulcao>. Acesso em: 07 abr. 2013.

GUIMARÃES, Lana. Athos Bulcão: inspiração para brincar. **Revista Arquitetura e Turismo**, São Paulo, ano 01, maio 2007. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquiteturismo/01.003/1324>>. Acesso em: 16 maio 2013.

HOUAISS, Antonio. **Minidicionário da língua portuguesa**. 4. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

KASTRUP, Virgínia; MORAES, Márcia. **Exercícios de ver e não ver**: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual. Rio de Janeiro: Nau, 2010.

LIMESTONE. **Piso tátil ou podotátil**. 2011. Disponível em: <http://www.limestone.com.br/2011/modelos_podotateis/podotateis.html>. Acesso em: 30 maio 2013.

LYGIA Clark: outras obras. Disponível em: <<http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoXX/modulo3/frente/clark/outras.html>>. Acesso em: 29 nov. 2013.

MACIEL, Nahima. Entre Apolo e Dionísio. **Correio Brasiliense**, Brasília, 3 mar. 1999. Disponível em: <<http://2.correiobrasiliense.com.br/especiais/athos/mat3.htm>>. Acesso em: 16 maio 2013.

MAGGI, Carolina; LOPES, Paula. Andando no escuro, mas com bengala e piso tátil. **Paulista 900, Revista Digital dos Estudantes da Casper Libero**, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.paulista900.com.br/?p=333>>. Acesso em: 30 maio 2013.

MOLINA, Camila. Luz de Olafur: artista dinamarquês cria obras e um filme com Karim Aïnouz para sua mostra no Brasil. **O Estadão**, São Paulo, 22 mar. 2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/arteelazer,luz-de-olafur,695198,0.htm>>. Acesso em: 23 out. 2013.

NEVES, Rony. Movimento em branco. **O que inspira?** São Paulo, 31 maio 2008. Disponível em: <<http://oqueinspira.blogspot.com.br/2008/05/movimento-em-branco.html>>. Acesso em: 26 mar. 2013.

O MUNDO desenhado por quem não pode ver. **Revista Benjamin Constant**, Rio de Janeiro, ed. 21, abr. 2002. Disponível em: <<http://www.ibc.gov.br/index.php?catid=4&itemid=63>>. Acesso em: 10 dez. 2012.

OLIVEIRA, Ana de. **Tropicália**: leituras complementares. [S.l.], 2013. Disponível em: <http://tropicalia.com.br/v1/site/internas/leituras_gg_objetividade2.php>. Acesso em: 25 nov. 2013.

OLIVEIRA, João Vicente Ganzarolli. Arte e visualidade a questão da cegueira. **Um olhar sobre a cegueira**. Rio de Janeiro: Instituto Benjamin Constant, [2013?]. Disponível em: <<http://www.ibc.gov.br/?itemid=105>>. Acesso em: 01 jun. 2013.

PARADELLA, Flavia Simonini. **Teoria da forma**: ponto, linha, plano. [S.l.]. Disponível em: <http://www.ensp.fiocruz.br/portal-ensp/_uploads/documentos-pessoais/documento-pessoal_314.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2013.

PFUTZENREUTER, Edson. José Saramago em “Janela da Alma”. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=kxkvhiczbX0&feature=related>>. Acesso em: 05 maio 2012.

RISSATTO, Ticienne. **Arquideias**: piso tátil. [S.l.], 28 out. 2010. Disponível em: <<http://retarquitectura.blogspot.com.br/2010/10/estava-procurando-especificacoes-para.html>>. Acesso em: 30 maio 2013.

RODRIGUES, Jorge Vieira. Sophie Calle: pour la dernière et pour la première fois. **Artecapital**, Lisboa, 2012. Disponível em: <<http://www.artecapital.net/exposicao-371/>>. Acesso em: 20 jul. 2013.

VELLOSO, Beatriz Pimenta. **Dias & Riedweg**: alteridade e experiência estética na arte contemporânea brasileira. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.